

O desvio que se tornou um atalho

Por Sidney Gouveia

Departamento de Ecologia, Universidade Federal de Sergipe

Como muitos estudantes da ciência, eu sempre aspirei uma carreira bem definida: pós-graduação, pós-doutorado e – se tudo corresse bem – um emprego na universidade. Mas eu fui tirado dessa rota antes mesmo de completar meu bacharelado em Biologia. Uma greve na Universidade atrasou minha graduação, e como resultado eu perdi os prazos para me candidatar às seleções de pós-graduação. De repente eu não tinha ideia do que esperar do meu futuro, e eu tinha que me sustentar. Eu fiquei aliviado de receber uma oferta para trabalhar na gestão de uma unidade de conservação recém-criada em meu estado natal, Sergipe, Brasil, e eu estava empolgado em poder trabalhar para proteger a biodiversidade. Mas lá no fundo, eu estava preocupado em o emprego me levar para a direção errada, me distanciando da carreira acadêmica que eu sempre desejei.

A ideia de gerir uma área protegida era interessante, mas minha carga de trabalho diário estava longe de ser inspiradora. Eu lidei com alguns desafios interessantes, como chegar num compromisso com proprietários rurais locais cujo gado precisava atravessar a reserva para alcançar água. Mas eu passava a maior parte do tempo com papelada e reuniões do que com ecossistema e biodiversidade. E a única oportunidade para progressão na carreira eram cargos administrativos, a um passo de me tornar um burocrata de carreira. Aquilo não era como eu queria passar minha vida.

Então depois de 3 anos, eu decidi que precisava mudar. Eu tinha conseguido completar meu mestrado em ecologia e conservação enquanto trabalhava na gestão, e pesquisava os sapos da reserva. Mas era hora de voltar para o caminho da academia em tempo integral. Tentar as seleções de doutorado era próximo passo óbvio.

Quando eu fui aceito em um programa de doutorado ecologia e evolução, eu mal podia esperar pra trocar a papelada do governo pelo estímulo intelectual de estar completamente imerso na pesquisa. Contudo, eu estava um pouco inseguro sobre como minha transição de volta pra a academia ia ser. Será que as habilidades desenvolvidas durante meus anos na reserva seriam de alguma utilidade em meu novo desafio, ou estaria eu incorrigivelmente enferrujado e perdido?

No início, como eu temia, eu me senti um pouco aquém dos meus colegas. Apesar do ambiente colaborativo, eu não podia escapar ao fato de que me faltava habilidades vitais pra meu novo campo de pesquisa, como programação e estatística avançada. Eu até duvidei se faria algum progresso em minha pesquisa ou produziria uma tese decente.

Mas eu logo percebi que, durante meu tempo na reserva, eu tinha desenvolvido habilidades valiosas. A gestão da unidade de conservação, que era baseada em participação comunitária compromissos, me ensinou a trabalhar colaborativamente. A lida com o manejo da reserva, reuniões comunitárias e documentos intermináveis, me ensinou a trabalhar criativamente e, acima de tudo, cumprir as tarefas em tempo. Eu logo percebi que fazer análises multivariadas não era mais difícil que lidar com os problemas multidimensionais da gestão da reserva, e que escrever artigos científicos não demandavam mais do que preparar relatórios sobre políticas ambientais. E minha abordagem colaborativa me serviu bem na medida em que eu trabalhava ao lado dos meus novos pares. Assim, eu ganhei a confiança que eu precisava pra ter sucesso.

Três anos depois de começar o doutorado, eu encontrei o que eu aspirava ser o próximo passo da minha carreira: uma vaga como professor permanente na minha universidade natal. Ao trabalhar a mil pra terminar a tese e me preparar pra a seleção, eu me vali de habilidades aguçadas durante meu período na gestão da unidade de conservação – incluindo cumprir prazos e realizar multitarefas efetivamente – para fechar minha tese de doutorado e conseguir o emprego.

Olhando retrospectivamente, eu percebo como minha experiência precoce como um gestor de reserva contribuiu para meu progresso na academia. Eu tinha sido atirado sozinho em uma reserva completamente nova, onde eu deveria mediar conflitos e resolver problemas quase sem recursos. Com isso, eu desenvolvi criatividade, poder de persuasão e paciência. Meu desvio de rota dos meus objetivos acadêmicos terminaram sendo um atalho para a carreira que eu sempre quis.